

A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA NA ESCOLA

THE IMPORTANCE OF THE FAMILY IN THE EDUCATION OF THE CHILD AT SCHOOL

Célia Ferreira de Souza¹
Eliane Ribeiro Alves²
Joanirdes Domingas da Silva Freitas³

RESUMO: Vivemos hoje em uma sociedade onde a família esta posta de diferentes modelos, mães que assumem sozinhas a responsabilidade da casa bem como os pais que também assumem sozinhos este papel e ainda avós que contribuem para a formação da criança mesmo com a ausência de pai ou mãe. Neste trabalho estaremos abordando o tema: à importância da família, na formação da criança na escola, que são fatores primordiais para a reconstrução de uma sociedade menos violenta, onde todos podem contribuir sem atribuir um culpado para os equívocos existentes na sociedade.

1715

Palavras chaves: Família. Escola. Aprendizagem.

ABSTRACT: We live today in a society where the family has different models, mothers who assume the responsibility of the house alone as well as fathers who also assume this role alone and even grandparents who contribute to the formation of the child even with the absence of a father or mother. In this work we will be approaching the theme: the importance of the family, in the formation of the child in the school, which are primordial factors for the reconstruction of a less violent society, where everyone can contribute without attributing a culprit for the misunderstandings existing in society.

Keywords: Family. School. Learning.

¹ Especialista em Educação Infantil, Alfabetização e Letramento. Ano 2016. Promovida pela Faculdade de Tecnologia Equipe Darwin. Licenciatura em Pedagogia ano 2010. Promovida pela Faculdade Universidade de Cuiabá – UNIC.

² Especialista em Educação Ambiental- promovida pela Faculdade de Educação São Luis, 2019. Especialista em Educação Infantil- promovida pela Faculdade de Educação São Luís, 202. Licenciatura em Ciências Biológicas- Promovida pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) 2018. Licenciatura em Pedagogia-Promovida pela Instituto Federal de Mato grosso (IFMT) 2023.

³ Especialista em Educação Infantil e Especial. Ano 2012. Promovida pela Faculdades Integradas de Cuiabá-FIC. Licenciatura em Letras. Ano 2007.Promovida pela Faculdade Centro Universitário de Várzea Grande UNIVAG / Licenciatura em Pedagogia. Ano 2021. Promovida pela Universidade Federal de Mato Grosso.

INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado “A Importância da Família na formação da criança”, nasceu a partir das experiências vivenciadas na EMEB – Dr. Orlando Nigro, com crianças do ensino fundamental. Através dessa experiência comecei a me questionar sobre o papel e a importância da família na formação da criança de uma pesquisa de campo, fora entrevistado – pais e professores.

Ao passo que o trabalho na prática de ensino foi caminhando, foi possível perceber a importância da família na escola.

Este trabalho tem como objetivo demonstrar o papel da família como principal parceira da escola, papel este de suma importância de ambas as partes, tanto na escola como na família.

Para que a criança venha a desenvolver habilidades deve receber estímulos e ser preparados para novos desafios que ainda pequenos terão que enfrentar no convívio social, nas suas buscas e necessidades, daí a importância deste trabalho coletivo entre a família e a escola.

A escola hoje, além de uma necessidade é um direito de toda e qualquer criança, independente de classe, gênero, cor ou sexo

A EMEB Dr. Orlando Nigro é uma escola situada no Bairro Pedregal, Cuiabá, Estado de Mato Grosso, localizado na área Urbana, com nível e modalidade de ensino da escola na Educação Infantil – pré-escolar e Educação Fundamental do 1º Ciclo e as 1ª e 2ª etapas do 2º Ciclo. Atualmente tem como Diretora a Sr. Elenice e Coordenadoras: Marli Gregório e Lucilei.

A escola possui uma boa estrutura predial onde não há critério para matrícula basta haver vagas e procura.

A escola Dr. Orlando Nigro atende a comunidade do bairro Pedregal e dos bairros vizinhos, a comunicação dos pais e das crianças é realizada via telefone e bilhetes, onde são informados das reuniões (bimestral).

Todas as atividades realizadas na escola são pensadas e planejadas para que possamos, enquanto educadores, contribuir significativamente para o desenvolvimento integral de nossas crianças. Para que possamos aprofundar sobre o papel e competência de cada esfera- escola e família- foi feito uma pesquisa entre pais e professores em relação ao tema.

Segundo o relato dos pais entrevistados, a escola é um espaço para a criança interagir, desenvolver seu raciocínio lógico com relação á cultura, facilitando a aprendizagem e desenvolvimento da criança. Além deste a escola deve ter profissionais que compreendam e possibilite com a criança. Ter alguém que se preocupa com atos da criança na escola, e que a escola é fonte principal para novas descobertas.

A família que participa na escola e na construção do conhecimento da criança, conhece a proposta de ensino da escola, pode- se o que realmente o seu filho está aprendendo. Toda criança precisa de um adulto para acompanha – lo nas etapas de desenvolvimento e a família é a parte principal na educação e na cultura.

Segundo relato dos pais a participação da família na escola vem ser importante no desenvolvimento e aprendizagem da criança.O pai tem como obrigação orientar o seu filho no comportamento em sala de aula e no auxílio nas atividades, passando a acompanhar o cotidiano do seu filho na escola juntamente com a equipe escolar, pois a escola ensina e os pais educam e com esse acompanhamento o educador possa fazer um trabalho satisfatório passando a conhecer cada aluno.

A escola e a família é um conjunto estimulante para as sociedades ambas as partes vêm ser dependente uma da outra, obtém o resultado de desenvolvimento da criança através do desempenho entre pais e professores na escola, alcançando resultado propício para que no futuro se torne um cidadão qual teve a participação dos pais.

Nos depoimentos dos profissionais, os mesmos apontam que a participação da família vem ser um auxílio para a formação da criança, orientando e preparando a criança como um ser pensante e crítico com o direito de conviver em uma sociedade, pois “segundo Paulo freire: não existe educador sem educando e nem educando sem educador.”

O trabalho coletivo do professor e com a participação dos pais permitem a construção do aluno, pois através dos pais a escola passa conhecer melhor a criança e suas dificuldades de aprendizagem, e com o auxílio dos pais nas atividades com a criança em casa ajudará melhor no seu desempenho.

A escola deve sempre trabalhar em parceria com a família mesmo que são poucos que preocupam com a aprendizagem do seu filho, enfim sempre que possível é feita reuniões com pais dando palestras sobre a importância da participação da família na escola, encorajando-o para buscar um ensino de qualidade para seus filhos, na escola

acontece festas comemorativas como uma forma de aproximação da família, final do ano são realizados sorteios para aqueles pais participantes e perseverantes com a equipe escolar.

Infelizmente são poucos pais que participam na escola, tem muitos pais ausentes por falta de tempo, pois o trabalho não permite, outros por não interessar se o filho tem um bom desempenho ou não na escola, alguns são leigos quando se trata de família e escola, acha que o professor tem que dar conta do recado sozinho, enfim os alunos que tem a presença dos pais na escola a chance de comportamento é bem maior.

A FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO

A família é a base na formação do indivíduo, é o ambiente em que ocorrem os primeiros contatos e relacionamentos da criança, modelo referencial e responsável pela formação de valores, entre outras coisas.

Assim como a escola, a família tem um papel importante e fundamental no desenvolvimento do indivíduo.

A família em si é o principal estimulante para o indivíduo desenvolver suas capacidades, ou seja, a educação começa em casa e a escola é apenas um complemento.

A família deve começar a estimular o indivíduo logo nos primeiros anos de vida, através de brincadeiras educativas, ler uma história, conversar com a criança assuntos de interesse do indivíduo.

O indivíduo precisa perceber que os pais estão sempre ao seu lado, necessita sentir-se seguro.

Os pais devem acompanhar o desenvolvimento escolar de seus filhos através de reuniões, na participação das atividades, ajudarem o indivíduo nas tarefas escolares, questionar notas e trabalhos, mostrando assim que o indivíduo tem que ter responsabilidades.

Ser pai e mãe às vezes é muito difícil, mais ser filho é mais complicado ainda, pois os filhos necessitam dos pais para desenvolver em todos os campos da vida, os filhos geralmente imitam no pai ou na mãe e é por isso que cabe aos pais corrigir, educar, amar e ajudar o seu filho e não passar tudo isso para escola.

1.1 O QUE OS PAIS NÃO DEVEM FAZER

- Deixar de olhar as notas dos filhos;
- Deixar de conversar com professores e diretores;
- Pegar o indivíduo antes de acabar as aulas;
- Deixá-lo sempre atrasado na escola;
- Não culpar a escola pela má formação do filho.

1.2 O QUE OS PAIS DEVEM FAZER

- Participar de reuniões, palestras e encontros (Dia dos Pais, dia das mães e etc.).
- Sempre ir à escola;
- Fazer que seu filho interesse mais pelos estudos;
- Fazer que seus filhos respeitem os professores e seus colegas.

ESCOLA E FAMÍLIA, UMA GRANDE PARCERIA.

A Educação escolar é considerada a primeira etapa para o desenvolvimento intelectual dos seres humanos.

É claro que para um indivíduo desenvolver-se é necessário à participação tanto dos próprios alunos, quanto dos professores e dos pais.

O desenvolvimento de um indivíduo no contexto família e escola é uma fase muito importante.

É importante que a família se mobilize, fazendo um intercâmbio de idéias com a escola e colocá-las a par das propostas de atendimento aos seus filhos, a partir daí fazer uma avaliação das informações contidas, tanto pelos pais como também pela escola, para então fazer um perfil específico de cada indivíduo.

Pais, alunos e professores devem trabalhar em parceria, trocando experiências, discutindo soluções. Através disto com certeza o desenvolvimento do indivíduo será altamente positivo.

Função: a família tem a função psicossociais de proteger os seus membros e de favorecer a sua adaptação á altura a qual pertencem. Assim, reconhecemos como alguns autores que existe no mínimo quatro funções ou responsabilidades relacionadas com as crianças, são elas:

- A família tem a obrigação de cuidar e proteger as crianças garantindo condições dignas, essas funções jamais podem ser descumpridas, pois existem serviços de suporte e de assistência social, para que caso não seja cumprida a família acaba perdendo a custódia dos seus filhos;
- A família deve contribuir para socialização dos seus filhos, consideradas por autores, sociólogos e psicólogos funções básicas.
- A família é responsável em dois suportes na evolução da criança, no processo escolar e uma função que ajuda na socialização da criança.
- A família é responsável no suporte que proporciona a criança a ser pessoas emocionalmente equilibrada, capaz de ter vínculos afetivos e respeitosos com os outros e com a própria identidade, relação baseadas no respeito mútuo e no objeto.

2.1A participação dos pais e gestor no desenvolvimento da aprendizagem

A família é o principal grupo com o qual a criança convive e seus membros são exemplos para a vida, passando a conhecer a sua cultura e origem, é a família que acompanha todas as etapas da criança, sendo a sua principal base de desenvolvimento.

1720

A família é um grupo de pessoas ligadas por laços de casamento, consangüíneo e de adoção, constituídas um único lar, interagindo e comunicando-se uns com os outros através de seus respectivos papéis sociais de marido, esposa, pai, mãe, filho e irmão e criando uma cultura comum. (Pierson apud Martins, 1949 p. 59).

A família subsiste na medida em que opera no sentido de criar indivíduos conformados ou até mesmo simpatizantes da ordem social. Para gerar resignação ou simpatia, a família dispõe de recompensas ou castigos, de modo a conformar a criança as normas socialmente aceitas. A sociedade é seu funcionamento, dependem de que os papéis sejam desempenhados de maneira adequada, cabendo a família a função de ensinar aos indivíduos seus vários papéis. É nela, por exemplo, que as crianças assimilam o que significa ser pai, mãe, marido ou esposa, cidadão, o que é ser jovem etc. (Martins, 1993, p.61).

A presença da família pressupõe compreensão sobre os processos educacionais, incentivar o filho a interagir com a sociedade. Ensinar os limites do sim e não, também começa nessa idade, compromisso com a ética e solidariedade com outros

No que diz respeito a educação, se essas pessoas demonstrarem curiosidade em relação ao que acontece em sala de aula e reforçarem a impor

tância do que está sendo aprendido, estarão dando uma maior contribuição para o sucesso de aprendizagem.

A família deve ter acesso ao projeto pedagógico da escola e acompanhar o processo de ensino aprendizagem da criança e de todas as informações da escola com relação ao seu filho, as atividades elaboradas na sala de aula, frequentar reuniões que acontece na escola, projetos sociais que estimulam a participação da família e comunidade.

Existe várias formas de consolidar família e escola, propor métodos que incentivam a participação da família: os pais devem se preocupar com a matrícula do seu filho, informar contatos para que a escola possa passar informações, nos primeiros dias de aula, a participação dos pais ou responsáveis é a principal presença na escola, nessa etapa de desenvolvimento e aproximação com crianças diferentes, porque é nesta fase que as crianças precisam de tempo para se adaptar.

Nos tempos de hoje á uma rejeição dos pais a participar nos assuntos da escola, e a maior preocupação é levar a familia interagir, hoje as escolas trabalham com esse objetivo de proporcionar melhor compreensão, pois são esses os desafios enfrentados pela equipe escolar.

A constante renovação dos métodos e conteúdos ministrados na escola afeta profundamente a possibilidade da familia participar, orientar e auxiliar seus filhos no estudo. Por exemplo, a matemática pouco mudou, mais um pai na faixa dos 40 anos não aprendeu a matéria apartir da teoria dos conjuntos. Certamente a interpretação dada a história na época desse pai era diferente da abordagem atual, pois antes se estudava a história como uma sucessão de eventos comandados por grande lideres, hoje se dá mais importancia a estrutura econômica que determina os eventos. Contudo, apesar das inovações didáticas em termos gerais não seria errado afirmar que os pais fizessem curso superior tem mais condições de acompanhar seus filhos nas tarefas escolares. No minimo, eles estão mais capacitados a entender as lições passadas aos filhos e, por isso, mais aptos auxiliá – los nas suas tarefas escolares.(Martins,1993 p. 66).

A escola deve criar estratégias, ou seja envolver ações práticas educativas, para que a familia contribua com a sua participação na escola e conscientizar que a sua participação alcançará os objetivos proposto de um ensino de qualidade. Deve criar possibilidades de participação, mostrando que

a educação pode acontecer quando usamos criatividade e afetividade nas relações com a criança.

A escola na qual os pais participam do processo demonstra uma estrutura diferenciada em relação daqueles pais que não participam, e isso é caracterizado na

criança com o convívio na sala de aula, ele passa ser agressivo, sente e percebe que não tem ninguém que se emporta com ele, nem mesmo o que ele faz ou deixa de fazer, desde então o seu comportamento e as suas atividades a serem desenvolvidas não acontece prejudicando o seu raciocínio e socialização em grupo.

Escola e família têm o mesmo objetivo: fazer a criança se desenvolver em todos os aspectos e ter sucesso na aprendizagem. As instituições que conseguiram transformar os pais ou responsáveis em parceiros diminuíram os índices de evasão e de violência e melhoraram o rendimento das turmas de forma significativa.

Pesquisa realizada pelo instituto La Fabricca do Brasil, em conjunto com o Ministério da Educação, mostrou que há um desejo explícito por mais intimidade: 77,2% dos pais acham que um bom relacionamento entre as duas partes é raro, mas 43,7% gostariam que a escola promovesse mais reuniões, palestras e encontros para eles. Já 77,2% dos professores de instituições, públicas consideram insatisfatória a participação dos familiares, mas 99,5% crêem ser de extrema importância um contato mais estreito. (Paola Gentila, p. 32, 2006)

Desde então começa a participação do gestor na escola com métodos de incentivar a família a participar na escola, acompanhar o cotidiano do seu filho, observar quais as possibilidades de melhoria na aprendizagem, qual o objetivo a ser alcançado com relação a proposta oferecida, métodos esses que facilitam na construção de uma sociedade integradora e participativa.

É papel da escola incentivar o envolvimento com a família, realizar eventos, programar passeios, levar aos pais ou responsáveis a concepção de seu papel no cotidiano do seu filho.

Para uma criança bem-sucedida no sistema escolar, ela precisa estar bastante motivada, tanto para permanecer no sistema como para realizar satisfatoriamente todas as tarefas exigidas. A hipótese

básica que norteia os estudos nessa área é a de que o sucesso dos filhos no sistema educacional decorre, entre outras coisas, da motivação que a família conseguiria despertar nos filhos em relação à instrução. (Martins, 1993 p. 66).

Promover o desenvolvimento do ser humano como ser cidadão, transformar a escola em uma unidade de compromisso, responsabilidade com a comunidade e pais, levar a conscientização de que o papel da escola é passar informações e conhecimentos para a sociedade e que precisa da interação de todos, ou seja a escola constrói o conhecimento e a família constrói a educação de acordo com a sua cultura.

A escola deve buscar formas de um ambiente saudável e seguro para crianças, pois na escola a criança tem regras, socializa com os demais e conhece a escola como referência de ensino, ou seja, de estudos.

Um dos pontos mais importantes é favorecer a valorização do trabalho da escola, não somente a criança está adquirindo um ensino de qualidade, como favorecendo a contribuição da equipe gestora participativa.

2.2 A importância da família no processo educativo

A sociedade moderna vive uma crise de valores éticos e morais sem precedentes.

Nunca na escola se discutiu tanto quanto hoje assuntos como falta de limites, desrespeito na sala de aula e desmotivação dos alunos.

Nunca se observou tantos professores cansados, estressados e muitas vezes, doentes físicos e mentalmente. Nunca os sentimentos de impotência e frustração estiveram tão marcantemente presentes na vida escolar.

Para Esteve (1999), toda essa situação tem relação com uma acelerada mudança no contexto social.

Por essa razão, dentro das escolas as discussões que procuram compreender esse quadro tão complexo e, muitas vezes, caótico, no qual a educação se encontra mergulhada, são cada vez mais freqüentes. Professores debatem formas de tentar superar todas essas dificuldades e conflitos, pois

percebem que se nada for feito em breve não se conseguirá mais ensinar e educar. Entretanto, observa-se que, até o momento, essas discussões vêm sendo realizadas apenas dentro do âmbito da escola, basicamente envolvendo direções, coordenações e grupos de professores. Em outras palavras, a escola vem, gradativamente, assumindo a maior parte da responsabilidade pelas situações de conflito que nela são observadas.

No entanto, apesar das diferentes metodologias hoje utilizadas, os problemas continuam, ou melhor, se agravam cada vez mais, pois além do conhecimento em si estar sendo comprometido irremediavelmente, os aspectos comportamentais não têm melhorado. Ao contrário. Em sala de aula, a indisciplina e a falta de respeito só têm aumentado, obrigando os professores a, muitas vezes, assumir atitudes autoritárias e

disciplinadoras. Para ensinar o mínimo, está sendo necessário, antes de tudo, disciplinar, impor limites e, principalmente, dizer não.

A questão que se impõem é: até quando a escola sozinha conseguirá levar adiante essa tarefa? Ou melhor, até quando a escola vai continuar assumindo isoladamente a responsabilidade de educar?

São questões que merecem, por parte de todos os envolvidos, uma reflexão, não só mais profunda, mas também mais crítica. É, portanto, necessário refletir sobre os papéis que devem desempenhar nesse processo a escola e, conseqüentemente, os professores, mas também não se pode continuar ignorando a importância fundamental da família na formação da criança na escola.

Uma das questões mais preocupantes nestes dias modernos de hoje é a forma como a família atualmente se encontra estruturada. Aquela família tradicional, constituída de pai, mãe e filhos tornou-se uma raridade.

Atualmente, existem famílias dentro de famílias. Com as separações e os novos casamentos, aquele núcleo familiar mais tradicional tem dado lugar a diferentes famílias vivendo sob o mesmo teto. Esses novos contextos familiares geram, muitas vezes, uma sensação de insegurança e até mesmo de

abandono, pois a idéia de um pai e de uma mãe cuidadores dá lugar a diferentes pais e mães “gerenciadores” de filhos que nem sempre são seus.

Além disso, essa mesma sociedade tem exigido, por diferentes motivos, que pais e mães assumam posições cada vez mais competitivas no mercado de trabalho. Então, enquanto que, antigamente, as funções exercidas dentro da família eram bem definidas, hoje pai e mãe, além de assumirem diferentes papéis, conforme as circunstâncias saem todos os dias para suas atividades profissionais. Assim, observa-se que, em muitos casos, crianças e adolescentes acabam ficando aos cuidados de parentes ,estranhos (empregados) ou das chamadas babás eletrônicas, como a TV e a Internet, vendo seus pais somente à noite.

Toda essa situação acaba gerando uma série de sentimentos conflitantes, não só entre pais e filhos, mas também entre os próprios pais. E um dos sentimentos mais comuns entre estes é o de culpa. É ela que, na maioria das vezes, impede um pai ou uma mãe de dizer não às exigências de seus filhos. É ela que faz um pai dar a seu filho tudo o que ele deseja, pensando que assim poderá compensar a sua ausência. É a culpa

que faz uma mãe não avaliar corretamente as atitudes de seu filho, pois isso poderá significar que ela não esteve suficientemente presente para corrigi-las.

Enfim, é a culpa de não estar presente de forma efetiva e construtiva na vida de seus filhos que faz, muitas vezes, um pai ou uma mãe ignorarem o que se passa com eles. Assim, muitos pais e mães acabam tornando-se reféns de seus próprios filhos. Com receio de contrariá-los, reforçam atitudes inadequadas e, com isso, prejudicam o seu desenvolvimento, não só intelectual, mas também, mental e emocional.

Esses conflitos acabam agravando-se quando a escola tenta intervir. Ocorrem que muitos pais, por todos os problemas já citados, delegam responsabilidades à escola, mas não aceitam com tranquilidade quando essa mesma escola exerce o papel que deveria ser deles.

[...] os pais que não têm condições emocionais de suportar a sua parcela de responsabilidade, ou culpa, pelo mau rendimento escolar,

ou algum transtorno de conduta do filho, farão de tudo, para encontrar argumentos e pinçar fatos, a fim de imputar aos professores que reprovaram o aluno, ou à escola como um todo, a total responsabilidade pelo fracasso do filho (ZIMERMAN *apud* BOSSOLS, 2003: 14).

Entretanto, é importante compreender que, apesar de todas as situações aqui expostas, o objetivo não é o de condenar ou julgar. Está-se apenas demonstrando que, ao longo dos anos, gradativamente a família, por força das circunstâncias já descritas, tem transferido para a escola a tarefa de formar e educar. Entretanto, essa situação não mais se sustenta. É preciso trazer, o mais rápido possível, a família para dentro da escola. É preciso que ela passe a colaborar de forma mais efetiva com o processo de educar. É preciso, portanto, compartilhar responsabilidades e não transferi-las.

É dentro desse espírito de compartilhar que não se pode deixar de citar a iniciativa do MEC, que instituiu a data de 24 de abril como o Dia Nacional da Família na Escola. Nesse dia, todas as escolas são estimuladas a convidar os familiares dos alunos para participar de suas atividades educativas, pois segundo declaração do ex-Ministro da Educação Paulo Renato Souza "quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles aprendem mais".

A família deve, portanto, se esforçar em estar presente em todos os momentos da vida de seus filhos. Presença que implica envolvimento, comprometimento e colaboração. Deve estar atenta a dificuldades não só cognitivas, mas também comportamentais. Deve estar pronta para intervir da melhor maneira possível, visando sempre o bem de seus filhos, mesmo que isso signifique dizer sucessivos "nãos" às suas exigências. Em outros termos, a família deve ser o espaço indispensável para garantir a

sobrevivência e a proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como se vêm estruturando (KALOUSTIAN, 1988).

É importante fazer algumas considerações que, se não trazem soluções definitivas, podem apontar caminhos para futuras reflexões. Assim, é preciso

compreender, por exemplo, que no momento em que escola e família conseguirem estabelecer um acordo na forma como irão educar suas crianças e adolescentes, muitos dos conflitos hoje observados em sala de aula serão paulatinamente superados. No entanto, para que isso possa ocorrer é necessário que a família realmente participe da vida escolar de seus filhos.

Pais e mães devem comparecer à escola não apenas para entrega de avaliações ou quando a situação já estiver fora de controle. O comparecimento e o envolvimento devem ser permanentes e, acima de tudo, construtivos, para que a criança e o adolescente possam se sentir amparados, acolhidos e amados.

2.3 A importância da parceria família e escola

Quando a escola se aproxima da família e a família do processo educativo do aluno há uma aproximação positiva que resulta num maior desempenho escolar do aluno, por outro lado, quando há um baixo envolvimento parental na escola poderá haver um risco para o abandono e para o fracasso escolar. A interação das famílias e da escola no processo educativo do aluno tem efeitos extraordinários.

Para os alunos também há benefícios quando os pais se interessam pela sua escolaridade, têm uma maior motivação e como tal desenvolvem atitudes positivas em relação à aprendizagem, dando origem ao sucesso pessoal. As potencialidades são transformadas em capacidades.

A família e a escola formam uma equipe. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir.

Ressalta-se que mesmo tendo objetivos em comum, cada uma deve fazer sua parte para que atinja o caminho do sucesso, que visa conduzir crianças e jovens a um futuro melhor.

O ideal é que família e escola tracem as mesmas metas de forma simultânea, propiciando ao aluno uma segurança na aprendizagem de forma que venha criar

cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade.

Existem diversas contribuições que tanto a família quanto a escola podem oferecer, propiciando o desenvolvimento pleno respectivamente dos seus filhos e dos seus alunos. Alguns critérios devem ser considerados como prioridade para ambas as partes. Como sugestões seguem abaixo alguns deles:

FAMÍLIA

- Selecionar a escola baseado em critérios que lhe garanta a confiança da forma como a escola procede diante de situações importantes;
- Dialogar com o filho o conteúdo que está vivenciando na escola;
- Cumprir as regras estabelecidas pela escola de forma consciente e espontânea;
- Deixar o filho a resolver por si só determinados problemas que venham a surgir no ambiente escolar, em especial na questão de socialização;
- Valorizar o contato com a escola, principalmente nas reuniões e entrega de resultados, podendo se informar das dificuldades apresentadas pelo seu filho, bem com seu desempenho.

1727

ESCOLA

- Cumprir a proposta pedagógica apresentada para os pais, sendo coerente nos procedimentos e atitudes do dia a dia;
- Propiciar ao aluno liberdade para manifestar-se na comunidade escolar, de forma que seja considerado como elemento principal do processo educativo;
- Receber os pais com prazer, marcando reuniões periódicas, esclarecendo o desempenho do aluno e principalmente exercendo o papel de orientadora mediante as possíveis situações que possam vir a necessitar de ajuda;
- Abrir as portas da escola para os pais, fazendo com que eles se sintam à vontade para participar de atividades culturais, esportivas, entre outras que a escola oferecer, aproximando o contato entre família-escola;
- É de extrema importância que a escola mantenha professores e recursos atualizados, propiciando uma boa administração de forma que ofereça um ensino de qualidade para seus alunos.

A parceria da família com a escola sempre será fundamental para o sucesso da educação de todo indivíduo. Portanto, pais e educadores necessitam ser grandes e fiéis companheiros nessa nobre caminhada da formação educacional do ser humano.

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM OU DE ENSINAGEM?

A massificação da educação e o despreparo dos professores tem nos apresentado, com frequência, uma série de dificuldades na aprendizagem as quais não ocorriam nessa mesma percentagem há anos atrás. Tais dificuldades, chamadas de distúrbios de aprendizagem ocorrem, principalmente, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, durante o processo de alfabetização e do desenvolvimento do raciocínio lógico. Nós, adultos, sabemos, perfeitamente, a melhor maneira que cada um de nós prefere para aprender. Uns necessitam de escrever, outros fazem sinóticos, outros necessitam ouvir e assim por diante. Com as crianças o processo é o mesmo.. Há alunos que necessitam mudar o método de alfabetização para que possam aprender. Infelizmente, como o professor alfabetizador desconhece a riqueza e quantidade de tais métodos, julgam mais fácil rotular o aluno como "disléxico". A culpa recai sempre sobre o professor. Deveria cair sim, na sua preparação, pois nada sobre o assunto lhe foi ensinado. Exemplifico com um caso de um aluno da 5ª série (6º ano) do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública estadual. Verificando que o aluno era indisciplinado e nada aprendia, rotularam-no como "disléxico". Após todo o procedimento necessário ao diagnóstico conclui que o aluno apresentava escolaridade para acompanhar a 2ª série do Ensino Fundamental. Não era disléxico, absolutamente. Solicitei à mãe do aluno para conversar pois, não havia realizado anamnese, por circunstâncias particulares. A história escolar do menino era a seguinte:- cursou a 1ª série no Rio Grande do Norte. Mudando-se para Guarulhos, devido à sua idade, 10 anos, colocaram-no na 4ª série. Ao mudar-se para esse município, foi matriculado na 5ª série. Obviamente que o aluno não realizava tarefas e era indisciplinado. Demonstrando a necessidade de adequação do método relativamente ao adulto, tive oportunidade de atuar junto a uma aluna que dominava o alfabeto porém não conseguia ler. Após procedimentos necessários, adequiei o método à sua dificuldade. Imediatamente leu algumas

palavras propostas. Quantos casos semelhantes temos em nossa educação!!!. Não é dada a devida importância aos professores de Educação Infantil e aos professores alfabetizadores. Os primeiros para detectarem dificuldades e os outros para saberem adequar os métodos às dificuldades apontadas. É necessário que o professor alfabetizador conheça os métodos analíticos, sintéticos e mistos e o mais importante, todas as modalidades nas quais os métodos se dividem. O método global (conto, sentencição, palavração), o sintético (silabação, fonético, alfabético) e as inúmeras modalidades dos métodos mistos. Caso houvesse um melhor preparo ao professor alfabetizador, com certeza, não haveria a quantidade que existe de analfabetos funcionais, como tem acontecido. A base de todo conhecimento futuro de todo educando é a alfabetização realizada com método e modalidade adequados à maneira de aprender do aluno. Faz-se necessário que o professor alfabetizador, de crianças e adultos, receba maiores informações e conhecimento, sem o que as retenções nas 1ª séries , dificilmente serão controladas.

3.1. Distúrbios de Aprendizagem X Dificuldades de Aprendizagem

Conforme (Fonseca: 1995) distúrbio de aprendizagem está relacionado a um grupo de dificuldades específicas e pontuais, caracterizadas pela presença de uma disfunção neurológica.

Já a dificuldade de aprendizagem é um termo mais global e abrangente com causas relacionadas ao sujeito que aprende, aos conteúdos pedagógicos, ao professor, aos métodos de ensino, ao ambiente físico e social da escola.

Já em (Ciasca e Rossini: 2000) as autoras defendem que a dificuldade de aprendizagem é um déficit específico da atividade acadêmica, enquanto o distúrbio de aprendizagem é uma disfunção intrínseca da criança relacionada aos fatores neurológicos.

Os fatores neurológicos citados pelos autores, significa que essas dificuldades estão relacionadas na aquisição e no uso da audição, fala, leitura, escrita,

raciocínio ou habilidades matemáticas que se referem as disfunções no sistema nervoso central. Não podemos também deixar de considerar que as dificuldades de aprendizagem muitas vezes podem ocorrer concomitantemente com outras situações desfavoráveis, como: alteração sensorial, retardo mental, distúrbio emocional, ou social, ou mesmo influências ambientais de qualquer natureza.

3.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Dificuldade de aprendizagem, por vezes referida como **desordem de aprendizagem** ou **transtorno de aprendizagem**, é um tipo de desordem pela qual um indivíduo apresenta dificuldades em aprender efetivamente. A desordem afeta a capacidade do cérebro em receber e processar informação e pode tornar problemático para um indivíduo o aprendizado tão rápido quanto o de outro, que não é afetado por ela.

3.2.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS

A expressão é usada para referir condições sócio-biológicas que afetam as capacidades de aprendizado de indivíduos, em termos de aquisição, construção e desenvolvimento das funções cognitivas, e abrange transtornos tão diferentes como incapacidade de percepção, dano cerebral, disfunção cerebral mínima, autismo, dislexia e afasia desenvolvimental. No campo da Educação, as mais comuns são a Dislexia, a Disortografia e a Discalculia.

Um indivíduo com dificuldades de aprendizagem não apresenta necessariamente baixo ou alto QI: significa apenas que ele está trabalhando abaixo da sua capacidade devido a um fator com dificuldade, em áreas como, por exemplo, o processamento visual ou auditivo. As dificuldades de aprendizagem normalmente são identificadas na fase de escolarização, por profissionais como psicólogos, através de avaliações específicas de inteligência, conteúdos e processos de aprendizagem.

Embora a dificuldade de aprendizagem não seja indicativa do nível de inteligência, os seus portadores têm dificuldades em desempenhar funções ou habilidades específicas, ou em completar tarefas, caso entregues a si próprios ou se encarados de forma convencional. Estes indivíduos não podem ser curados ou melhorados, uma vez que o problema é crônico, ou seja, para toda a vida. Entretanto, com o apoio e intervenções adequados, esses mesmos indivíduos podem ter sucesso escolar e continuar a progredir em carreiras bem sucedidas, e mesmo de destaque, ao longo de suas vidas.

3.2.2 DISTINÇÕES OFICIAIS

O termo "dificuldade de aprendizagem" (no original em língua inglesa, "*learning disability*") aparentemente foi usado pela primeira vez e definida por Kirk

(1962, citado em Streissguth, Bookstein, Sampson, & Barr, 1993, p. 144). O autor referia-se a uma aparente discrepância entre a capacidade da criança em aprender e o seu nível de realização. Nos Estados Unidos da América uma análise das classificações de Dificuldades de Aprendizagem em 49 dos 50 estados revelou que 28 dos estados incluíram critérios de discrepância de QI/realização em suas diretrizes para Dificuldades de Aprendizagem (Ibid., citando Frankenberger & Harper, 1987). No entanto, o Joint National Committee for Learning Disabilities (NJCLD) (1981; 1985) preferiu uma definição ligeiramente diferente:

Dificuldades de Aprendizagem é um termo genérico que se refere a um grupo heterogêneo de desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo e presume-se que devido à disfunção do Sistema Nervoso Central. Apesar de que uma dificuldade de aprendizagem pode ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes (por exemplo, deficiência sensorial, retardo mental, distúrbio social e emocional) ou influências ambientais (por exemplo, diferenças culturais, instrução insuficiente/inadequada, fatores psicogênicos), não é o resultado direto dessas condições ou influências.

Ainda nos Estados Unidos, o "*Individuals with Disabilities Education Act*" (Lei de Educação das Pessoas Portadoras de Deficiência) define uma dificuldade de aprendizagem da seguinte forma:

[...] [um] transtorno em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou na utilização de linguagem falada ou escrita, que pode manifestar-se em uma habilidade imperfeita para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar, ou fazer cálculos matemáticos (...). Dificuldades de Aprendizagem incluem condições como deficiências perceptivas, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afasia de desenvolvimento."

3.2.3 DISTINÇÃO DE OUTRAS CONDIÇÕES

Indivíduos com um QI abaixo de 70 são geralmente caracterizados como portadores de retardo mental, deficiência mental ou dificuldades cognitivas e não são compreendidos na maioria das definições sobre dificuldades de aprendizagem, uma vez que neles essas dificuldades estão ligadas diretamente ao seu baixo QI. Em contraste, indivíduos que apresentam dificuldades de aprendizagem têm potencial de aprendizagem tanto quanto outros indivíduos de inteligência mediana, mas muitas vezes são impedidos de alcançar esse potencial.

Na Grã-Bretanha a expressão "dificuldades de aprendizagem" é frequentemente e de maneira confusa usada como sinónimo de "retardo mental" devido ao estigma social ligado ao último termo. Entretanto, isto não é reconhecido

internacionalmente, e o termo correto para indivíduos com QI abaixo de 70 continua a ser retardamento mental.

O transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) é frequentemente estudado em conexão com as dificuldades de aprendizagem, mas atualmente não está compreendido nas definições padrão de dificuldades de aprendizagem. É verdade que indivíduos com TDAH debatem-se com a aprendizagem, mas com frequência podem aprender adequadamente, uma vez que estejam adequadamente tratados/medicados. Uma pessoa pode ter TDAH mas não possuir dificuldades de aprendizagem, ou ter dificuldades de aprendizagem mas não apresentar TDAH.

Também é comum a confusão entre dificuldades de aprendizagem e as chamadas Necessidades Educativas Especiais assim como com as chamadas Inadaptações por Déficit Socioambiental. De modo geral, a criança com dificuldades de aprendizagem:

- apresenta uma linha desigual em seu desenvolvimento;
- as suas dificuldades de aprendizagem não são causadas por pobreza ambiental;
- as suas dificuldades de aprendizagem não são causadas por atraso mental ou transtornos emocionais.

Dessa forma, só é procedente referir dificuldades de aprendizagem em relação a crianças que:

- Apresentam um quociente intelectual normal, muito próximo da normalidade ou mesmo superior;
- Possuem ambiente sóciofamiliar normal;
- Não apresentam deficiências sensoriais e nem afecções neurológicas significativas;

O seu rendimento escolar é manifesto e reiteradamente insatisfatório.

3.3 TIPOS DE DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Áreas de percepção envolvidas Dificuldades de aprendizagem envolvem muitas áreas de percepção, entre as quais:

- Discriminação visual ou auditiva;
- Percepção das diferenças em ambos as vistas ou ouvidos;
- Impedimento visual ou auditivo;
- Preenchimento da falta de peças de imagens ou sons;
- Discriminação figura-fundo visual ou auditiva;
- Focalização de um objeto, ignorando os seus antecedentes;
- Memória visual ou auditiva, nem a curto nem a longo prazo;
- Sequenciamento visual ou auditivo;
- Colocação do que é visto ou ouvido na ordem certa;

- associação e compreensão auditiva;
- Relacionamento do que é ouvido a outras coisas, incluindo definições de palavras e significados de sentenças;
- Percepção espacial;
- Lateralidade (acima e abaixo, entre, dentro e fora) e posicionamento no espaço;
- Percepção temporal;
- Intervalos de tempo de processamento da ordem de milissegundos, fundamental para o desenvolvimento da fala de transformação;
- Incapacidade de Aprendizado Não-Verbal ("*Nonverbal Learning Disability*");
- Processamento de sinais não-verbais em interações sociais.

3.3.1 TERMINOLOGIA E CLASSIFICAÇÃO

São empregados vários termos para descrever dificuldades de aprendizagem em particular. Um indivíduo pode apresentar uma ou mais de uma. Algumas delas são (os códigos apresentados são CID-10 e DSM-IV, respectivamente):

- (F80.0-F80.2/315.31) Disfasia/Afasia - Distúrbios de fala e linguagem
 - Dificuldade em produzir sons da fala (distúrbio da articulação)
 - Dificuldade em colocar as suas ideias em forma oral (desordem expressiva)
 - Dificuldade em perceber ou entender o que as outras pessoas dizem (transtorno receptivo)
 - (F81.0/315.02) Dislexia - termo geral para uma deficiência na área da leitura.
 - Dificuldade em mapeamento fonético, onde doentes têm dificuldade em correspondência com várias representações ortográficas para sons específicos
 - Dificuldade com orientação espacial, que é estereotipado na confusão das letras b e d, assim como outros pares. Na sua forma mais grave, b, d, p e q, todos distinguidos principalmente pela orientação à mão, aparência idêntica à do disléxico
 - Dificuldade com a ordenação sequencial, de tal forma que uma pessoa pode ver uma combinação de letras, mas não percebê-las na ordem correta
 - (F81.1/315.2) Disgrafia - o termo geral para uma deficiência na área da escrita física. É geralmente associada à dificuldade de integração visual-motora e habilidades motoras finas.
 - (F81.2-3/315.1) Discalculia - o termo geral para uma deficiência na área da matemática.
- Uma forma aceita de se referir a estes indivíduos como "especiais" é devido às suas circunstâncias especiais.
- Hoje em dia é considerado como insensível e rude ridicularizar ou fazer troça de alguém portador de uma deficiência.

3.3.2 POSSÍVEIS CAUSAS

Várias teorias tem sido formuladas para explicar a causa ou as causas das dificuldades de aprendizagem. Elas são concebidas de modo a envolver o cérebro de alguma forma. As causas mais comuns apontadas são:

- defeitos ou erros na estrutura do cérebro;
- abuso de drogas;
- má nutrição;
- herança genética dos pais;

- falta de envolvimento dos pais durante as fases de desenvolvimento precoce do bebê;
- falta de comunicação entre as várias partes do cérebro;
- quantidades incorretas de vários neurotransmissores, ou problemas no uso dos mesmos por parte do cérebro;
- problemas comuns com os neurotransmissores incluem níveis insuficientes de dopamina, regulação inadequada de serotoninae recaptação excessiva da dopamina, onde neurónios emissores de dopamina reabsorvem-na em quantidade demasiada após liberá-la para se comunicar com outros
- neurónios (também implicado nos quadros de depressão clínica).

3.3.3 TRATAMENTO

Dificuldades de aprendizagem podem ser tratadas com uma variedade de métodos, mas geralmente são consideradas como desordens vitalícias. Alguns (ajustes, equipamentos e auxiliares) são projetados para acomodar ou ajudar a compensar a deficiência, enquanto outros (Educação Especial) destinam-se a fazer melhorias nas áreas fracas. Os tratamentos incluem:

ajustes na sala de aula:

- atribuições de lugares especiais;
- tarefas escolares alternativas ou modificadas;
- procedimentos de avaliação/testes modificados;
- equipamento especial:
- fonadores eletrônicos e dicionários;
- processadores de texto;
- calculadoras falantes;
- livros em fita;
- assistentes de sala de aula:
- tomadores de nota;
- leitores;
- Correctores;
- educação especial:
- horários prescritos em uma classe especial;
- colocação em uma classe especial;
- matrícula em uma escola especial para a aprendizagem dos alunos com deficiência.

O Papel do professor diante das Dificuldades de Aprendizagem

Ser professor de alunos bons consiste em tarefa relativamente fácil, mas e quando o docente depara-se com alunos com D.A.? O que fazer? Como agir? Qual deve ser a postura e as atitudes diante de tal situação?

O papel do professor no processo de aprendizagem é indiscutivelmente decisivo, suas atitudes, concepções e intervenções, serão fatores determinantes no sucesso ou fracasso escolar de seus alunos.

Cabe ao professor duas tarefas básicas diante das D.A., o diagnóstico ou detecção seguida de intervenção adequada.

No contato diário com os alunos, muito rapidamente o professor começa a perceber entre eles aqueles que apresentam dificuldades, a partir desta detecção a atitude correta deve ser o encaminhamento do aluno em questão a um psicopedagogo, que deverá avaliar as habilidades perceptivas, motoras, lingüísticas e cognitivas do mesmo e ainda os fatores emocionais e os próprios atos de ler e escrever.

Após a avaliação psicopedagógica, será recomendado pelo profissional, o procedimento necessário (tanto ao professor como à família do aluno) para a superação das D.A.

Em nível de intervenção, os princípios básicos são: respeito e estímulo, que envolvem a não utilização de comentários depreciativos; respeito ao ritmo da criança, não a envolvendo em situações de competição; não constrangê-la; não fazer comparações de nenhuma espécie e principalmente, conversar particularmente em ajudá-lo; isto estabelecerá um clima sincero entre ambos, despertando confiança do aluno com relação ao professor.

“Esta conversa (...) é de suma importância já que, permite que se estabeleça, entre o professor e o aluno, um clima aberto e sincero, no qual a criança se sente apoiada e tranqüila sobre as possíveis reações do professor frente às suas dificuldades” (MORAIS, 2002, p. 188).

Os estímulos são imprescindíveis, pois funcionarão como massageadores da autoestima, que progressivamente levará o aluno a acreditar em si mesmo e na sua capacidade para superar as dificuldades.

No entanto, o que se observa nas escolas públicas e, muitas vezes, também nas particulares, é a falta de preparo do corpo docente para lidar com as D.A. É necessário que seja oferecido aos professores (se não oferecido, buscado pelos mesmos), orientação adequada, para que estes possam ajudar de fato seus alunos portadores de D.A.

(...) instalar um setor de orientação educacional, psicológica e pedagógica nas escolas (...) seria de grande ajuda. Os professores seriam orientados na adequação do programa, na elaboração de métodos a serem aplicados e na forma ideal de atender as crianças que apresentam problemas de aprendizagem (COELHO, 1991, p. 2

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da pesquisa, pude perceber que a relação escola e família é imprescindível para que ocorra uma educação de qualidade.

É necessário que as famílias criem o hábito de participar da vida escolar das crianças, que perceba a importância de se relacionar com a escola na busca de um objetivo em comum, “educação de qualidade para as crianças. Por outro lado, a escola deve ser a responsável por criar meios de aproximação com as famílias e a comunidade, orientando e mostrando que educar não é papel exclusivo das escolas, é papel de todos. Todos juntos lutando por uma melhor educação.

Nessa análise não podemos desconsiderar o fato de que os professores tendem a culpar a família, pela falta de seu envolvimento, quando os alunos vão mal, ou apresentam problemas em sua aprendizagem. Não obstante, os professores tenham razão quando afirmam que a participação da família na vida escolar do filho é muito importante para uma melhor aprendizagem, é papel da escola buscar uma prática pedagógica, na qual o aluno possa atribuir significado à sua conteúdos ensinados, “pois são os professores os especialistas em educação” (JARDIM, 2006, p.80). Portanto, culpar a família pelas dificuldades de aprendizagem do aluno, acaba afastando-as ainda mais da escola.

É fundamental e importante uma mudança nas atitudes dos pais e professores, o importante não é encontrar um culpado pelas situações ocorridas nas escolas, mas sim buscar juntas soluções para tais situações problemáticas. A escolar como detentora dos conhecimentos, métodos e técnicas de ensino, deve ter a iniciativa de aproximar família e escola, envolvendo-as em atividades realizadas na escola como comemorações, palestras, confraternizações com toda comunidade e orientando-as sobre a importância de um trabalho de parceria. Esta não é uma tarefa fácil, mas não impossível, pois ter uma educação de qualidade com o apoio das famílias e 30 comunidade é um sonho, que para virar realidade é preciso agir.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069 Disposições Preliminares - Art. 54 Cap. IV Direito a Educação, à Cultura ao Esporte e ao Lazer. 3ª Ed. Brasília. 13 de julho de 1990.

FERREIRA, Roberto Martins. Sociologia da educação 1.ed..São Paulo: moderna,1993.

GENTILA, Paola (RS). Disponível no site: WWW.novaescola.org.br Junho/Julho de 2006.

JARDIM, A. P. **Relação entre Família e Escola: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem.** Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

LUCK, Heloísa, A gestão participativa na escola/6. ed.Petrópolis, RJ: 2010. Série cadernos de Gestão

ROMERO, J.F. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.